

Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso: desafios em curso na formação docente

GT 14 – MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO

Trabalho completo

Lilian Barreto LELLIS (Docente da rede estadual/Barra do Garças/Mato Grosso /MT)

libionx@gmail.com

Vanderlei Balbino da COSTA (Docente da Faculdade de Educação – PPGE UFJ /Jataí/Goiás)

vanderleibalbino@ufj.edu.br

Resumo

O presente trabalho é um recorte da pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Educação, PPGE/UFJ-GO. Teve como objetivo analisar, através de narrativas, a percepção de professores sobre as mudanças promovidas no atendimento e na oferta da Educação de Jovens e Adultos no estado de Mato Grosso. Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa baseada nas narrativas (auto)biográficas dos professores. Os resultados mostram o retrocesso na política de EJA no estado, e comprovam como as histórias de vida e as práticas desses docentes são fundamentais para a construção de um currículo sensível às realidades dos alunos da EJA.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Políticas públicas. Formação de professores.

1 Introdução

O presente trabalho é um recorte da pesquisa desenvolvida entre anos de 2021 e 2023 no Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação, PPGE/UFJ-GO, e discorre sobre as adversidades na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no estado de Mato Grosso nos últimos 5 anos, buscando investigar as práticas pedagógicas e os desafios enfrentados pelos professores que atuam na EJA, por meio de suas narrativas e histórias de vida.

Os dados mais recentes, mostram que a negação do direito à educação permanece, segundo o Censo Escolar 2023, a EJA foi a modalidade que mais perdeu alunos, são 270 mil a menos nas salas de aula. A queda de matrículas na EJA foi de 20,9% entre 2019 e 2023. Em relação a 2022, a redução foi de 6,7%. Sem mencionar os 46,9 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos de idade, 22,1% dos jovens brasileiros, que não trabalham nem estudam, chamados de “geração nem” (INEP, 2023).

Historicamente, precisamos pontuar que em Mato Grosso, o sistema educacional vem passando por profundas modificações em consonância com a Lei Nº 11.422, de 14 de junho de 2021, que aprovou o Plano Estadual de Educação – PEE. Entre as medidas, destacamos as

alterações na política de EJA, quando o governo executou o fechamento de 25 Centros de Educação de Jovens e Adultos (CEJAs).

Contudo, observamos que a modalidade já vinha sofrendo com o fechamento de secretarias especializadas e cortes no orçamento, conduzindo a reestruturação da política de formação dos professores e implementação da BNCC para o Ensino Médio em conformidade com a Resolução CNE/CEB nº 1, de 28 de maio de 2021.

A formação continuada específica para os professores da EJA também passou por adequações, seguindo as metas do PEE. O governo extinguiu os Centros de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPROs), entidade responsável pela capacitação e aperfeiçoamento dos profissionais da educação.

Para Esteves e Araújo (2019), a formação docente é um processo de natureza contínua que se realiza ao longo da carreira docente, e esse processo inclui a experiência de vida e profissional que os professores adquirem durante a sua docência.

Diante do contexto que se apresenta, o presente artigo pretende, a partir de revisão bibliográfica e análise das narrativas dos professores da EJA, discutir os aspectos relevantes da formação profissional para essa modalidade no estado de Mato Grosso. Acreditamos que a formação docente é que garantirá as mudanças nas práticas pedagógicas exigindo o repensar de outras formas de ensinar e de trabalhar com esses sujeitos históricos.

2 Metodologia

Nesse trabalho procuramos trazer o recorte da pesquisa voltada para a formação docente específica para EJA diante de tantas mudanças e como elas acabaram por interferir no trabalho pedagógico dos professores que atuam na modalidade. Trata-se de um estudo qualitativo, na perspectiva autobiográfica, através das narrativas, pois procurou registrar o poder transformador da ação de narrar a experiência vivida por oito professores que atuam na modalidade. Ao darmos visibilidade a esses sujeitos, observamos que eles não possuem um padrão único, mas são ladeados de concepções, valores e objetivos que desvelam as características de suas realidades.

Nesta pesquisa, a coleta dos dados ocorreu por meio de entrevistas narrativas, em que seu princípio básico é encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social (Muylaert, 2014). A autora assinala, ainda que, pela peculiaridade na geração de textos narrativos, tem aproximações com abordagens (auto)biográficas e busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas



estruturadas e/ou semiestruturadas, uma vez que visa levar os entrevistados a narrarem suas memórias de forma livre e despropositada, o que garante uma rememoração de forma mais autêntica. Por isso, há nas entrevistas narrativas uma importante característica colaborativa, uma vez que a história emerge a partir da interação, da troca, do diálogo entre entrevistador e participantes.

No que concerne aos professores selecionados, tivemos seis homens e duas mulheres com faixa etária entre 41 e 62 anos. Optamos por selecionar professores com maior tempo de atuação na EJA, por acreditar que suas contribuições nos conduzissem a novas reflexões sobre os desafios e possibilidades para a modalidade no estado, além de terem vivenciado as modificações na oferta da EJA em Mato Grosso.

Na dinâmica da análise das narrativas, adotamos os tempos interpretativos, conforme apresentado por Souza (2014): tempo I, denominado de pré-análise/leitura cruzada; tempo II leitura temática – unidade de análise descritiva; e tempo III leitura interpretativa-compreensiva do corpus. Assim, para melhor delimitação do nosso estudo, organizamos eixos distintos da análise para os professores em: Trajetória de vida e Formação docente na EJA.

A luz da literatura, as narrativas confirmam a relevância de escutarmos esses sujeitos e suas vivências na EJA e nos ajudam, por um lado, a compreendermos de forma mais clara e substancial o sentido de ser professor e, por outro, conhecermos alguns dos desafios impostos pela singularidade da prática educativa na EJA diante de tantas mudanças.

3 Resultados e Discussão

Nesta investigação, procuramos proporcionar aos educadores reflexões sobre suas experiências na EJA, apresentando as potenciais demandas dos estudantes em Mato Grosso. Nesse sentido, o principal eixo de nossa análise traz a trajetória de vida dos professores e a construção formativa de suas identidades a partir de suas relações com a EJA.

Os oito professores entrevistados atuam na modalidade há mais de 10 anos, conforme o critério de escolha. Assim, acreditamos que esses profissionais tenham vivenciado muitas transformações ocorridas com EJA em Mato Grosso.

As narrativas expressas revelam a importância dos professores enquanto sujeitos promotores do saber sistematizado.

“A princípio para mim era um desafio pois nunca tinha trabalhado com esse público. Então a questão dos conteúdos, de seleção desses conteúdos, de formas metodológicas de aula como trabalhar, até porque na escola naquela época que eu atuei não havia muito espaço para fazer as atividades, a gente

tinha que ficar em sala. Na EJA, também temos a dificuldade de que nem todos gostam de participar da aula de Educação Física, então com o tempo fui me adaptando, criando estratégias para melhor conduzir a aula. Eu selecionava conteúdos como jogos de tabuleiros, trabalhei muito com atividades teóricas, com temas relacionados a área da saúde, da educação, do lazer, da recreação, tinha sessão de vídeo também, onde eu aproveitava algum documentário para trabalhar com eles a temática da alimentação, do sedentarismo, tudo voltado pra Educação Física, tudo para que eles participassem mais.” (Professor Arnaldo).

“Ninguém te ensina dar aulas para adultos. Lá no início, quando eu comecei, eu tinha que adaptar conforme a matriz do regular, por que o governo não mandava nada específico para EJA, então eu pegava alguns conteúdos parecidos e adaptava para a modalidade. Posso dizer que hoje levo mais em consideração as necessidades dos estudantes, por que eles têm um conhecimento que é prático, tenho alunos que são pedreiros ‘mestre de obras’ que sabem calcular área com muita facilidade, então reconheço isso e tento ampliar seus conhecimentos que vão ajudar ele na obra.” (Professor Edson).

Observamos, nas narrativas do professor Arnaldo, uma mudança de percepção que vai ao encontro da necessidade de conduzir o estudante a novas aprendizagens e, ao fazer isso, o professor se recria, pois é a partir das interações e experiências adquiridas, ao longo do tempo de atuação, que os profissionais passam a se identificar com um determinado público ou modalidade de ensino, como nos diz Freire (1997),

[...] ninguém começa a ser educador numa certa terça feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática. (Freire, 1997, p. 58).

O exercício da docência é algo complexo e exige do professor, além do domínio dos conteúdos que está sendo ensinado, um conjunto de conhecimentos sobre como e para quem ensinar, ou seja, conhecimentos capazes de ajudá-lo a planejar e implementar ações que proporcione ao estudante construir aprendizagens.

Enquanto o professor Edson falava, ele memorava sua prática e refletia sobre ela, na qual observava uma evolução, quando diz “lá no início” subentendo que hoje a prática é diferente e que isso se deve aos conhecimentos adquiridos com o tempo sobre a modalidade. Assim, ao narrar as suas experiências, o professor foi refletindo sobre seu saber-fazer e seus conhecimentos, permitindo-se a escutar a ele mesmo, no processo de reflexividade biográfica. (Passeggi, 2011).

Sobre as especificidades dos estudantes da EJA, e os desafios inerentes à modalidade, de modo geral, os professores reconhecem e trabalham para superá-las por intermédio de sua

perspicácia, suas vivências cotidianas e trocas de experiências com os colegas professores, como expresso nas narrativas a seguir.

“Eu percebo que a Educação de Jovens e Adultos é como uma corda de equilíbrio, porque o aluno está ali com muita dificuldade e você tentando atender aquele aluno. Então, eu percebo que esse caminho é muito sofrido, porque uma coisa é, você parar por um ano, outra coisa é você parar por dez, doze anos. Aí a importância do professor conhecer a realidade desses alunos e reconhecer seus esforços para estarem aqui. Tem uma aluna aqui que é mãe, às vezes ela pede licença porque tem que atender a criança que ficou sozinha em casa, e ainda tem outras duas que também são mães de família. Não porque quer ou porque de repente é a melhor coisa do mundo, mas porque é necessário. Ela consegue ver na educação a possibilidade de tirar ela da situação em que ela se encontra e colocar numa outra situação, talvez melhor. É isso que eu acredito, no esforço dessas pessoas” (Professor Heleno).

“Difícil ter que escolher pela educação e o trabalho, já que o trabalho é um meio pelo qual eles sobrevivem. E o estudo vai ficando em segundo plano. Acho que o mais significativo é que eu passei ter um olhar mais humanizado para eles. Eu penso, enquanto professora, na condição de vida desse estudante que teve que largar os estudos e ir trabalhar, seja pra sustentar a família, ajudar em casa, seja para comprar sua moto, porque pra ele isso é importante naquele momento e respeitar isso. E entender que o acesso é pra todos, mas a permanência não é pra qualquer um.” (Professora Nair).

“Em 2006 eu fui diretor na escola do campo lá em Indianópolis, foi quando trabalhando lá percebi que muitos dos pais dos alunos da escola não tinham estudo, não sabia ler e escrever, aí vi a oportunidade de abrir uma sala a noite para quem quisesse aprender, montei o projeto e com a ajuda da comunidade lutamos para ter a sala. E aí que eu comecei a gostar dessa modalidade, a saber quem são os estudantes, que tem aí a sua bagagem de vida. Então, foi assim um tipo um casamento mesmo, a partir daí que eu comecei a gostar e estou até hoje.” (Professor José).

A partir dessas narrativas, podemos considerar as percepções, vivências e ações cotidianas desses professores para atuar na EJA. Outro ponto em comum na fala dos professores está relacionado à necessidade de conhecer o perfil do estudante da EJA. Conhecer quem são os jovens e os adultos, suas trajetórias humanas e escolares, cada qual com suas especificidades de conhecimento e desejos, cada um buscando o alcance dos objetivos por meio da educação, com histórias de vida diferentes, mas com algo que os aproximam, o desejo de melhorar de vida por meio da educação.

Vemos o orgulho do professor José ao narrar o seu empenho em levar a EJA para aquela escola de campo e o que ele fez pela comunidade de Indianópolis-MT. Como ele considera importante o papel social dos professores ao contribuir para transformar vidas. Sua narrativa corrobora para que a EJA tenha um significado na vida desses sujeitos, tornando-os ativos social e culturalmente, e capazes de ocuparem seu espaço no mundo. Nesse sentido, percebemos que



a experiência narrada pelo professor “resgata um momento vivido e se transforma em uma nova experiência para quem narra e para quem ouve. No momento em que é transmitida a outras pessoas, ela ganha vida e significado”. (Souza, 2020, p. 84).

Embora sejam diferentes os contextos em que se apresentam, esses sujeitos possuem em comum o fato de que, em algum momento de suas trajetórias de vida, escolheram ou foram escolhidos para serem professores da EJA, transformando suas experiências em processo de formação e essas experiências influenciam sobremaneira suas atuações e reconhecimento como profissionais.

Nesse sentido, partimos do pressuposto criado por Freire (1997, p. 19) de que o “ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende”, o que nos remete à identidade docente, construída a partir de inúmeros referenciais, que vão desde sua história familiar, sua trajetória escolar e profissional, até seus valores, interesses e sentimentos, suas representações e saberes, enfim, o sentido que tem em sua vida o ser professor.

Parte importante da trajetória de vida e profissional desses educadores perpassam pela formação docente, que corresponde ao processo pelo qual os professores se qualificam, adquirindo os conhecimentos e competências básicas para o exercício da profissão, que inclui a formação inicial – que permite aos professores obter as condições legais para o exercício da profissão – e a formação continuada como aquela que dá aos professores a oportunidade de expandir e aprofundar o próprio trabalho desenvolvido (Camargo; Ferreira; Luz, 2012).

Em seus escritos, Rossi e Hunger (2012, p. 324), afirmam que “a formação continuada contribui para a modificação da profissionalização do professor e desenvolve domínios necessários à sua qualificação, como também atua no exame de possíveis soluções para os problemas reais do ensino.”

No entanto, temos nos últimos anos uma ampliação das formações institucionalizadas por meio da realização de cursos de atualização de conteúdos, eventos e palestras que pouco contribuem para a prática docente, assim como não têm colaborado efetivamente para a transformação das aulas e para o desenvolvimento profissional dos professores.

Em Mato Grosso, a reestruturação da política educacional impactou também a formação profissional, o estado modificou a política de formação docente nas escolas, através da implementação de avaliações externas de desempenho dos alunos dos ensinos Fundamental e Médio, com isso as formações passaram a ser realizadas a partir dos resultados dessas avaliações como já acontece em outros estados. Diante do descontentamento da política de formação no estado, os professores desabafam.

“A formação continuada parece que deixou de existir para modalidade no estado, a Seduc acabou com o Sala do Educador, e hoje a gente vê, com relação a EJA, que ela não sabe o que quer, ela não tem um norte, ela não tem uma política bem definida para modalidade. Outra coisa agravante, nós não temos pessoas estudiosas e formadas para dar essa formação para nós professores. (Professor Dante).

“Essa formação que o estado tá ofertando é uma piada, faz a gente passar horas do nosso tempo fazendo uma formação que não tem aplicação prática. Menina, como essa formação aí, vai ajudar aquele aluno que está ali com dificuldade, passando necessidade e tudo mais? Eu acho que a formação deveria ser voltada a temas que são relevantes para escola, para comunidade local. Primeiro vamos identificar nossos desafios dentro da EJA, por exemplo, é a evasão, são os mais jovens... então vamos buscar literaturas que vá de encontro com esses desafios, vamos trocar experiência de uma escola para outra ou de uma cidade.” (Professora Nair).

“Temos essa formação aí on-line. Essa formação que descaracteriza a modalidade, porque ela não vai ter serventia para escola. Para melhorar, para fazer com que o aluno não evada, não desista das aulas. Principalmente, com essa última mudança que foi a mais drástica, o que a gente entende é que ‘os caras’ que estão na gerência da EJA, as pessoas que estão tocando isso, na verdade eles também não entendem da EJA.” (Professor Carlos).

Em seus depoimentos, os professores reconhecem a necessidade de aprimoramento das práticas educacionais para a EJA. E entendem que a qualidade e sucesso no processo de ensino-aprendizagem está especialmente atrelada à formação do professor e a sua qualificação. Segundo Freire (1997, p. 38) o educador da EJA tem como condição a reflexão constante de sua prática pedagógica, uma vez que “a formação do educador deve ser permanentemente sistematizada, porque a prática se faz e refaz”. Esse reconhecimento do professor sobre a importância da formação docente, muito provavelmente não foi ensinado no ensino formal pelo qual ele passou, mas, principalmente, na formação obtida através da sua experiência de vida.

As narrativas dessas experiências docentes se tornam fundamentais para compreender os textos e contextos do desenvolvimento profissional na EJA no estado. Nesse sentido, a formação, seja ela inicial seja continuada, é uma característica indissociável das condições de trabalho docente, devendo ser ofertada em conformidade com as demais necessidades para o bom funcionamento das instituições de ensino, propiciando melhorias significativas em todo o sistema educacional.

É consenso entre os entrevistados que a formação continuada é essencial. Ainda mais diante dos acontecimentos vivenciados por esses profissionais nos últimos anos, em que crescem as políticas de desmonte da EJA e precarização do trabalho docente.

4 Conclusão

As narrativas dos participantes mostram como, nos últimos 5 anos, a EJA logrou perdas significativas no estado. Especialmente, quando levamos em consideração a quem é destinado esse processo, em sua maioria pessoas de baixa renda, provenientes das classes populares.

Os professores participantes da pesquisa trazem uma longa experiência pessoal e profissional na EJA, os quais, ancorados no método (auto)biográfico, foi possível vivenciarmos incômodos coletivos como a questão da falta de formação específica para EJA no estado. De modo geral, eles destacam a influência do pensamento freireano ao salientarem a postura dialógica como atitude fundamental na relação educadores/educandos e o respeito ao saber dos estudantes, tomado como ponto de partida na ação educativa.

Em síntese, a análise desses eixos evidencia a capacidade dos professores de desenvolverem estratégias para facilitar o ensino-aprendizagem, sendo elas: acolher; ter olhar diferenciado diante das demandas; sintetizar as matérias; aproveitar a duração da aula; reforçar a autoestima e motivação dos alunos, e procurar contextualizar os conteúdos com as vivências dos alunos.

É fundamental que o professor reconheça a importância de sua prática na construção do conhecimento de seus alunos, pois, a partir de seu trabalho, ele transforma vidas, e sua influência vai além da formação acadêmica. Por isso, os professores devem ser incentivados a criar ações educacionais inovadoras dentro das escolas em que atuam visando fomentar o desenvolvimento humano, a democracia e o respeito pelo Estado de direito, percebendo a educação ao longo da vida como sendo um direito de justiça humana.

As narrativas desses educadores descortinam a falta de espaço para o diálogo ou a reflexão da prática docente e, dessa forma, fica muito difícil compreender as particularidades regionais e construir um sistema de ensino fundamentado e adequado a cada realidade.

Os sujeitos da EJA, na contemporaneidade, já não são os mesmos do passado e, com certeza, serão diferentes no futuro próximo, assim, cada dia presente nas salas de aula é um desafio a ser superado, diante das diversas situações de batalha para se manter numa sociedade que segrega o direito a ter seus direitos. Cabe a nós professores ampliar esse acesso ao conhecimento para os alunos, integrando esses direitos ao currículo escolar e fortalecendo os integrantes da EJA.



Referências

CAMARGO, Arlete Maria Monte de; FERREIRA, Diana. LUZ, Iza Cristina Prado da. Perfil, condição e formação docente no Pará. In: MAUÉS, Olgaíses et al. **O trabalho docente na Educação Básica: o Pará em questão**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, p. 53-74, 2012.

ESTEVES, Maria Manuela Franco; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de. A formação continuada de professores e a elevação da qualidade da educação básica. **EccoS – Revista Científica**. São Paulo, n. 51. out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/15127/8005%3e.%20Acesso%20em:%2025%20mai.%202021>. Acesso em 15 set. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Básica (2022-2023)**. Brasília: MEC, 2023.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI JR., Vicente; GALLO, Paulo Rogério; NETO, Modesto Leite Rolim; REIS, Alberto Olavo Advincula. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, 2014, p. 193-199. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYCt/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 set. 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>. Acesso em 15 set. 2024.

ROSSI, Fernanda; HUNGER, Dagmar. As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de Educação Física. **Revista brasileira Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p.323-38, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/7wf83w6W8vSv6JKL5VhV95b/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 set. 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista Educação**, v. 39, n. 1, jan./abr. 2014, p. 39-50. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/11344>. Acesso em 15 set. 2024.

SOUZA, Kleyne Cristina Dornelas de. Narrativas, rua e construção de laços: histórias que se encontram na EJA. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 14, p. 841-858, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7321/pdf>. Acesso em 15 set. 2024.